

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

As Novas Proezas de Rocambole da Silva

Leituras que devem ser proibidas — O que pensa o presidente do governo — As personagens dum romance emaranhado — Os disfarces do chefe do gabinete — As culpas de Ponson du Terrail.

Conheci um homem tão cheio de admiração por Zorilla que se lhe pegou como um alcunha o nome do famoso espanhol; houve em Lisboa um individuo tão exhibicionista de suas riquezas que o apelidaram de Monte Cristo, em memoria do deslumbrador multimilionario nascido da fantasia de Dumas pai. O assombro que a leitura de *Rocambole* causa no presidente do conselho e as rocamboleiras acções em que se divide o seu govêrno são de molde a enquistar-lhe para sempre, o titulo da personagem abracadabrante de Terrail. De resto não lhe fica nada mal esse nome definidor: Antonio Maria Rocambole da Silva.

Como se sabe, o heroi do romance terraileasco que toda a gente leu aos quinze anos e o chefe do govêrno só conheceu aos 40, tendo levado a soletrar até hoje os inumeros volumes da obra, é um homem misterioso e singular, um enxerto de desvairado num tronco picaresco, e que atravessa a vida realisando surpreendentes golpes de prestimano e teatral. O feitio deste produto dum cerebro inventivo até à exacerbação, colou-se ao dirigente do gabinete com mais força que a da goma das estampilhas ás cartas, prendeu-o, enredou-o, dominou-o, deu-lhe uma razão de ser, ensilvou-o como numa sarça, guardou-o para si e tomou-lhe a alma. Rocambole habita, como um demonio incubo, no corpo do presidente do conselho. Não é caso novo; recordo-me dum meu condiscipulo chamado Felicio — um mulatete de Bissau, o qual tanto empreendera nos *Três Mosqueteiros*, que usava, ao que julgava, as audacias de Artagnan nas ruas do Bairro Alto. Tudo nele se movia pela acção do modelo e em todas as circunstancias da vida o mestiço perguntava a si proprio como proce-

deria, naquele transe, o seu herói. Por mais pancada que lhe dessem continuava a desafiar, a bater o pé, a dertanhar. E' também a situação de Tartarin; é, sobretudo a de D. Quixote, é ainda a de Calixto Eloy de Carbuda, até à hora de acordar. Já se vê, pois, que o Rocamboles português, está em boa companhia. Trata-se dum dominio de má literatura num homem da má politica. Eis tudo. E, posto isto, vamos a analisar os actos, os passos, os gestos do primeiro ministro, afim de justificarmos a nossa asserção.

O senhor Antonio Rocamboles era engenheiro, mas, como uma grande fantasia lhe transtornava os calculos, deliberou correr aventuras e fez-se administrador de conselho, no tempo da monarchia.

Ninguem comprehendia porque se largava uma profissão distincta por um cargo banal, mas também Terrail não explica porque o seu personagem ora é marujo, ora advogado: um amfibio.

Não havia duvida que naquela posição não passava dum homem vulgar, metido na administração, êle, com as habilidades do seu padrão, iria para onde a sua fantasia o levasse. Ela empurrou-o para dentro dum carro de palha, teve-o ali escondido, acachapado, após o que se poderia chamar a *Primeira Aventura de Rocamboles da Silva*. Não se tratou dum amor, oh! não, mas sim dumas eleições nas quais servira, com a sua autoridade e uma tesoura, os progressistas contra os regeneradores, ou vice versa, metendo mais votos na urna, depois de lacrada. Não é exactamente uma autentica proeza rocambolesca? Valeu-lhe o passo o nome de Alfaiatinho de Redondo: sastre, pela tesourinha de golpe, de Redondo porque ali administrava à sua guisa.

Posto em fuga, radiante com a sua scena melodramatica, Antonio Maria Rocamboles, começou a engendrar uma Sociedade Secreta baseada nas paginas paleiras do *Club dos Valetes de Copas*, que, como se sabe, é uma das partes do romance tão amado pelo chefe do governo da república.

Ali sim; largamente podia actuar, a sua imaginação voava, e com umas barbas postiças sôbre as suas, com uns oculos vermelhos, a tunica negra vestida, Silva Rocamboles, falando em voz cavernosa, julgava-se numa scena capital do capitulo II da *Corda do Enforcado*:

— Quem és tu, ó birbante, que pousas teus pés traidores neste lagado bemdito? — exclamava o triumviro da Carbonaria, misturando as ideias do livro com o regulamento dos *bons primos*. E, ante o pasmo do senhor Luz de Almeida, que a um canto, socegradamente, o ouvia, êle continuava:

— Ah! Bem sei, és o marquez de Langelais... Para traz!... Para traz!... e dentre a dupla barba silvica saía uma gargalhada retinida, puxada como se marcava no romance: entre sarcastica e maguada.

O desgraçado do neófito estremecia no meio daquelas sinistras figuras, jurava pela alma da tia que o puzera naquela afinção cerebral que « não senhor, não era o tal marquez, mas o Zacarias do Talho que vinha para a Carvoaria e queria ser primo do senhor Afonso Costa » — até cuspiam de raiva ante aquela confusão com aristocratas.

— Oh!... Não me iludes... Cousa alguma escapa ao meu poder infernal! Bem vejo... bem vejo — Tens as mãos frias como as duma serpente! Lêra aquella ultima fraze na tradução das *Novas Proezas* e, sem averiguar das formas reptilianas, dizia o trecho, num arranco entre, pálido

e ironico, conforme costumava, segundo a descrição terrallescica, praticar o genuino Rocambole.

Foram tempos venturosos estes em que, na treva, no misterio, soltando as suas tiradas, Antonio Maria Recambole da Silva, viveu, como nunca, o querido personagem:

— Oh! bem sei . . . és o marquez de Langelais! ! . . .

Quando chegava a casa ia estafado, deitava-se em cima da cama e sonhava que a *Corda do Enforcado*—conforme o capitulo III, do VI volume—(não garanto a autenticidade da citação) o guindava ás alturas. Já se vê que não se tratava dum enforcamento mas da sorte que esses cordeis macabros costumam transmitir aos seus possuídores.

Não sei se o senhor Antonio Rocambole mandou enforcar alguém; não consegui, entre os crimes da Carbonaria, topar um tariatador assassinado por tal meio mas é certo que ou fôsse essa corda romantica ou outra ele foi içado até ás culminancias, à chefia do govêrno, à presidencia do conselho.

Rocambole triunfava! Capitulo empolgantissimo em que ficam a perder de vista os *Mascaras Brancas*. Agora podia rocambolear à sua vontade.

Não se tratava de penetrar no âmago das questões, mas de seguir os capitulos da obra. Ali havia para todos os gostos, diplomacias em que luziam olhos ferozes, enredos para conduzir aos subterraneos dos *Club das Gravatas Lavadas*, os inimigos irreductiveis, policias filiados na associação para a espionagem maxima, trens de cortinas corridas, casas com duas entradas, nomes misteriosos, batalhas na sombra, em que excedia Rocambole que não se transportava, senão num banal fiacre, enquanto ele usava o automovel. E as mascaras, as transformações, os trajos, os disfarces! Umaz vezes parecia um periquito doente com o seu frak a formar-lhes a cauda; outras, quando punha chapéu alto, arremedava magnificamente um individuo que só tivesse busto, as perninhas perdiam-se, desapareciam; havia ocasiões em que procurava ares de caixeiro e ia ao mercado, com a creada atraz, afim de palpitar o povo e comprar mais baratas as lulas e acabava, à noite, encasacado, exactamente como o seu modelo, num club de jogo, fumando charutos e bebendo cafés. Tudo disfarces. Foi para imitar a tristura romantica que o chefe do govêrno começou a frequentar o *Monumental*. Nunca se viu, não houve jamais no mundo, tão completo emiscuimento dum leitor no personagem.

Aquele grito de alma—entre sonoro e rouco—do capitulo V, que êle soltou no Parlamento é a confirmação do que afirmo.

Querem fechar os clubs, acabar com o jogo, e êle ergue-se, levanta a voz para logo a enrouquecer, num protesto, por vêr fugir-lhe um dos seus campos de acção, onde melhor parodiava o Rocambole. O presidente do conselho gritou ser tal determinação uma asneira, mas que cedia. Antonio Rocambole, bradou na realidade:

— Ouço . . . eu ouço . . . são eles . . . são os *Mascaras Brancas* a quererem-me combater . . . Mas ó filhos da treva e do crime, eu vos embargarei os passos . . . !

No dia seguinte, como se lembram, aparecia nos jornais republicanos, a larga fantasia do chefe carbonario Antonio Maria Rocambole da Silva. Atirou-se aos quatro ventos a nova duma conspiração monarchica.

E' exactamente a scena IV do [volume VII das *Novas Proezas*,

quando é preciso desviar as atenções do *terrível satiro* para a *mimosa donzela*. E' uma copia servil; não passa dum plagiato.

O país pergunta porque tem de ir ao tabelião para meter na cadeia os merceeiros ladrões, porque se fez uma lei que de cousa alguma serve, àcerca de lucros ilicitos; o povo deseja saber o que ha em relação ao inquerito dos lucros da moagem, a nação pergunta de que maneira se vigiam os jogadores, todos nós queremos conhecer quanto se gasta com a policia especial que vigia metade do país e da qual fazem parte *cocottes*, *croupiers*, comerciantes e até militares e então, como no tal episodio, Rocambole salva-se bradando:

—Os monarchicos! São eles! . . . Quem põe o assucar caro . . . Eles! Eu bem vejo . . . Para traz, espectro do marquez! . . . Quem rouba no peso . . . Qual merceeiros! . . . Eles . . . oh! . . . Ainda tu, *Olhos de Avestruz*?! . . . A moagem é composta de santos . . . Os outros . . . oh! esses, os realistas, demonios . . . Lá veem na sua cavalgada atravez dos montes . . . E o *joven Caipira* sem chegar com o seu veneno terrivel! . . . Qual jogo! . . . Eu Rocambole o digo, só bebia café . . . Um narcótico! Sim, é crível . . . Eu vi tremer a mão da Samaritana das Gaveas . . . E os meus policias . . . oh! é a rede larga dos meus associados que eles temem . . . A mim, *Crocodilo* . . . Avança, *Beijo Rachado* . . . E tu, ó *Pintor*, que fazes que não vens pintar esta scena extranha . . .?! A mim . . . Os monarchicos! . . . Lá veem. —Capitulo VII pagina 93 — (não garanto a fidelidade da citação, repito).

E' a contrafação do ataque dos *Valetes de Copas*.

Antoniô Maria Rocambole soluça de cabeça entre as mãos; a seus pés jazem duas feras. Um tigre de olhos luzentes, espalmado, de bigodes como cerdas, parece magnetizado pela presença do dono. A distancia fuzilam, sob uma restea de sol, as ardentes pupilas dum leão e em volta ha um silencio após a imprecação do chefe aos homens e ás cousas.

Então, Rocambole da Silva, levanta-se e calca os animais, na sua cólera de precito, como ele se intitula, recordando um trecho em que o seu modelo se julga desamparado dos Deuses como êle se vê desacompanhado dos deputados. Continúa pisando os dois animais sem que eles rujam. Estão para ali na sua imobilidade de tapetes menos mal conservados.—Agora nós, malditos! . . . berra o presidente do govêrno de punho no ar relembrando-se que apenas por quatro votos ficou no poder. Agora nós! . . . Ah! eu bem compreendo a intriga do marquez . . . Langelais! Langelais! No teu castelo roqueiro não ha segurança desde que eu lance contra ti os *Gravatas Lavadas* . . . Agora nós!

E Rocambole, puxando uma fumaça, entre um engasgamento e um ai, chegou à janela e assestou o punho para a rua.

Soôu um grito, sibilou, passou na atmosfera, como uma bala. A cortina correu-se, o primeiro ministro caiu sôbre o sofá com os tapetes fericos aos pés. Na rua, um garoto que o vira de braço erguido, julgou-se ameaçado e insultara-o, chamando-lhe: Papo Sêco.

—Papo sêco . . . eu . . . eu . . . Rocambole da Silva . . . Decididamente os deuses abandonam-me . . . mas a minha vingança será terrivel! . . .

Assim tem passado os dias o senhor presidente do conselho que abusou muitissimo — como se prova — das leituras de Ponson du Terrail.

E' pena. Elas são peores que uma pratada de chispe, que um marmelo crú e que aguardente de medronho: enfiatam embatucam e . . . fazem andar a cabeça á roda!

O duelo e seus apóstolos

O duelista e o fadista — Porque se diferenciam?
 — Casos singulares do duelismo — Do papel das
 testemunhas — Armas mais antigas que a es-
 pada

Assisti, um destes dias, por acaso, a mais um duelo e confesso que não compreendo os motivos, logicamente humanos, impulsionantes de semelhante espetáculo, porque o é, com suas testemunhas, seus médicos, e neste — à semelhança de tantos outros casos — com seus jornalistas e seus fotografos.

O duelo, como todas as cousas do convencionalismo estúpido da vida, tem seus bastidores e sua representação, tem seus ensaios e seu exhibitionismo; é uma das formas criminologicas mais acentuadas e só porque se faz à espada e à pistola — armas que os exercitos usam — é que não se trata como se fosse a navalha o instrumento empregado.

Cada vez entendo menos porque um cavalheiro que, friamente, em casa, medita, metódico e calculadamente, matar outro, ha de ser melhor tratado do que o *Carrapeto* ou o *Lucas da Amalia* que de *cuchila* em punho se encontraram à porta do *Refilão* e se anavalharam à rija para lama e maior acrescento a suas antigas proezas. Mas se não atinjo a distincção, sob o ponto de vista do acto, ela rasga-se no meu espirito fortalecida e soberba, emquanto à premeditação. Prefiro os faiantes que se toparam no rompante forte, espontâneo, impulsivo do momento — mesmo quando andam de rixa velha — aos duelistas que durante algumas horas, às vezes dias e até semanas, afiam as suas espadas e as suas qualidades, aprendem os seus golpes numa sala de armas, com um unico fim. É triste dizê-lo, mas é assim: com o fim de ferir, talvez de assassinar.

O nobre *sport*, tão util e tão vigorizador, passa a ser horrivel desde que tem esse intuito. Na guerra expõe-se a vida por qualquer cousa colectiva, e a bravura pessoal acorda; no duelo só uma ideia nítida assalta quem se bate: rasgar bem a carne alheia, matar depois de ter pensado no crime, hora a hora. No campo de batalha desconhece-se o inimigo; é quasi sempre um ser de raça diferente, um homem de outros países, com uma psicologia diversa da nossa, com um lar noutra parte, falando uma lingua que não nos é familiar; no que se convencionou chamar o «campo da honra» succede, quasi sempre, ser o adversario um individuo das nossas relações, do nosso conhecimento, um sujeito que estamos habituados

a vêr de braço dado com a mulher a quem o tentamos roubar, ou, pelo menos, furtar-lhe um bocadito. Ora imagine-se este contrasenso de se decepar uma orelha a um senhor que depois encontraremos num salão, tomando a sua chavena de chá, ao lado de sua esposa, à qual seremos obrigados a saudar sem lhe falar no apêndice decepado ao seu querido marido!

O campo da honra — como sabem — é, geralmente, uma estrada tranqüila entre arvoredos que os duelistas pisam raivosamente, em camisola, olhando os ferros luzentes ao sol. Entretanto os passaros cantam, a natureza esplende em volta, intensa e forte, — nos dias de chuva o campo da honra é o barracão, a sala, o telheiro da honra — e até, como sucedeu neste ultimo duelo a que assistí, passa serenamente, um saloio sentado no seu burrico, lançando para aqueles preparativos um olhar de quem não comprehende porque hão de estar de braços à vela dois indivíduos no meio do seu caminho, segurando espadas e luzindo furores nas pupilas desvai-radas.

O saloio do burrico não entende — e eu também não — as razões lógicas que obrigam uns outros sujeitos, vestidos de preto, carrancudos e graves, a assistir a semelhante scena, áquele preparo dos ferros que se aguçam com o ranger irritante de uma lima, para ferirem, para rasgarem carnes, para fazerem verter sangue e depois se desinfectam como se a morte, que elles podem produzir, se detivesse pela acção de uma chama de alcohol. O aldeão não se admira, desdenha e eu bem vi, no rosto do velhote das suissas, um torcimento piedoso. Não analisei a expressão por um requinte, ela foi tão natural, tão humana, tão viva que só não a viu quem não olhou esse camponio idoso que ia à vila fazer as suas compras e vender os generos de que levava atochados os ceirões. Foi o acaso, rapidamente, fortemente que me deu a impressão dessa mascara natural. O saloio repelia áquele contrasenso dos civilisados; sentia que nos seus nervos não havia tanta maldade que o levasse a ir, a sangue frio, esfaquear um adversario porque lhe desviou a agua da rega, lhe beliscou a namorada ou se lhe meteu à frente na compra de uma cabra.

Tivesse sido com êle o conflito e as cousas passar-se-iam diferentemente. No seu momento de raiva, de furia, sem ensaio, sem prévios passes diante de um mestre, mas, naturalmente, à lei do seu impulso, êle teria procurado o outro e atirado, ferido, matado, talvez, mas, emfim, sem esse requinte de estar vinte e quatro horas a estudar a maneira de lhe vasar um olho ou de lhe atravessar um pulmão.

O lapuz não atinge — e eu confesso estar com êle — porque se ha de chamar faquistas, fadistas, meliantes ao *Lucas da Amalia* e ao *Carrapelo*, que se espetaram numa noite em Alfama, após uma tertulia, e duelista aos cavalheiros que, rancorosamente, sabendo para que lado hão-de dar os golpes, se encontram, à vista de outros, com o fim exclusivo de se fazerem mal. E porque se intitulam de maus logares, de sitios suspeitos, as portas do *Refilão*, as vielas lamacentas, onde as maretrizes aiam fados, enquanto lá em baixo, sob o lanternim de uma hospedaria, dois faias se batem e se titula de campo da honra a estrada onde se medem os palmos de terreno nos quais dois bons rapazes se vão tentar assassinar? Porque se prendem para averiguações o *Ranholas* ou *Pé Curto*, que assistiram ao esfaqueamento, e se saudam os cavalheiros da nossa convivencia e que serviram, meditadamente, de testemunhas a uma tentativa de morte?

O, saloio que encavalgava o seu asninho cabeludo, pensa assim e eu também. Claro que no Chiado se tem outra ideia deste crime, mas o Chiado é um sitio onde se mergulha em todas as miserias da vida desde que se possam praticar elegantemente.

Vejam, porém, a elegancia do duelo. Moralmente é uma tentativa de assassinio premeditado, que dá a gloriola ao duelista, o qual, daí para o futuro, só quererá reincidir como se agita e se contorce quem é mordido pela tarantula. O reclamo põe a tarantula nos homens que o preliam. Fisicamente, o duelo constitue uma maneira de fazer com sabres ou floretes o que nas ruelas alfamistas se opéra com as sevilhanas.

Esgrimir, numa sala de armas, por *sport*, por hygiene é interessante, mesmo quando os que se exercitam expõem deformações; assaltar num campo, de torso nu ou mal coberto é extravagante e muitas vezes caricato. Evoque-se dois indivíduos esqueleticos, corcovados ou espinafrados, sem peito, sem musculos, sem beleza, postos de espada na mão na mesma *toilette* que usam quando se vão deitar e analisam ao espelho as linguas saburrentas e digam-me se não é picaresco? Tem-se a impressão que se vão suicidar por serem tão deselegantes. Mas se adregam ser magnificos exemplares os adversarios? Só faz pena que as suas ridiculas furias possam abater-lhes a beleza.

Bem sei que já tenho aceitado duelos, mas fazia-o ainda por uma ideia romantica. Fui educado com a capa e espada a delirar com os encontros sob as lampadas dos nichos — e perpretando, até aos vinte e cinco anos o romance historico nacional — vivi sob o influxo das minhas alucinadas personagens. Eu sósinho, com esta pena, matei mais gente em duelos que todos os estoqueadores de profissão e daí, durante muito tempo, o sentir nascer sobre o meu chapéu de côco uma pluma, abrir-se em azas de capas de cavaleiros o meu casaco e desabrochar um punho de florete na minha bengala, cada vez que dois sujeitos graves chegavam para me desafiar. Prolongou-se isso até ha pouco. De repente, mudei após a penultima vez que assisti a um desses encontros no qual, por sinal as balas — porque também se premedita assassinar com chumbo, exatamente como os carbonarios da Brazileira — passaram tão altas que só podiam atingir algum aeroplano. Decidi esclarecer-me, meditar no grotesco, dizê-lo francamente, abolir da minha vida pratica essa revivescencia de outras edades, embora as minhas personagens a usem dentro das suas épocas. É que o Magriço, não bebia sorvetes nem ia ao cinema; aterrar-se-ia se lhe falassem em subir num avião e cairia de joelhos diante de um gramofone como se o julgasse um Deus. Daí o não poderem existir pontos de contacto entre êle e com os homens do nosso tempo. Mas, lóra disso, ha uma razão humana, basilar, definitiva que brada nas nossas consciencias de verdadeiros civilizados contra o duelo: é a premeditação do crime, no qual ha cúmplices: as testemunhas que amanhã, em nome da moral social, exijam o degredo para dois *Filhos da Noite* que se rasgam um ou outro a ponta de navalha por causa de um casaco roubado ou por um sorriso mais malicioso de ovarina.

No fim, a vitória maxima e facilima consiste em um individuo lançar para longe de si o preconceito e a formula e encarar a seu modo o desafio.

Um cavalheiro que manda pedir a outro para se colocar na sua frente a fim de lhe derramar o sangue autorisa logo aquele cuja vida deseja perturbar, maguando-o ou ferindo-o, talvez mesmo pondo-o em estado de

jámais ter saúde, a não o deixar continuar na sua tarefa; mais ainda, instiga-o a perguntar aos que lhe vem fazer a proposta se acaso o odeiam, se lhe querem mal. Que não. São todas pessoas estimáveis mas ha a honra, o seu constituinte, a desclassificação, o Codigo do Duelo, responderão esses graves senhores que já tenho encontrado na minha frente, hirtos, solenes e palidos.

Pois bem: nesse caso, é bem melhor, para que não se tenha que obedecer a cousas que não se conhecem — eu esqueci o Codigo do Duelo e o leitor ignora-o — arranjar o meio de liquidar o conflito sem esse espetáculo a que se vai como para um suplicio enquanto os outros, os muitos outros que assistem, para lá vão como para um *pic-nic*.

Dá-se, então, pode dar-se, um desenlace curioso. Fulano exhibicionista do duello, lidando dia a dia numa sala de armas, enquanto o adversario trabalha para ganhar o seu pão, desafia. Tem fama de boa espada, as mulheres miram-no nas ruas, conta alguns encontros felizes no seu activo, e procura com o seu olho severo, o logar dos nossos corações para bainha da sua espada subtil, habil, scintilante. Atravessa as ruas em passos medidos e faz ressaír o peito como se arvorasse o *plastron*, apoia-se à bengala, põe o chapéu à banda, fala muito dos mestres de armas, e faz preleções sobre a arte de bem assassinar, nas mesas do Marques, enquanto os ouvintes bebem as suas cervejas ou trincam as suas torradas. É o temível, o forte, o famoso espadachim.

Atravessa a vida invulneravel, de olho petulante, de peito saliente. Mas... oh!... miserias dos convencionalismos! um dia, o rapaz que êle provoca e que usa menos atitudes, não temendo o campião do flôrete fóra da sua arena, dá-lhe dois murros enquanto êle puxa pelo cartão, deixa-lhe o olho audaz com um laivo roxo, põe-lhe o nariz a escorrer sangue, e desce tranquilamente a rua enquanto êle se limpa, o acha incorrecto e fala da sua espada.

É bem melhor usar dos instrumentos naturais, como se vê, ou para um caso mais grave, da primeira arma que o homem encontrou no mundo: o pau.

É, como se vê, mais classico e, em antiguidade, deixa a espada a perder de vista.

A maior "blague" do "Mundo"

O dinheiro e as revoltas—Psicologia dos grandes capitalistas — As paginas do Anuario Commercial e os interesses de grupos politicos — O nacionalismo e o plagiato — Ha republicanos na conspiração ?

Uma das grandes discussões da semana foi provocada pelo *Mundo*, que, em seu dizer, nas vespéras do Congresso Democratico—no qual se esperava grande dissidencia—conhecia uma conjura de monarchicos. Essa conspiração moveria muitos capitais a fazerem altas e baixas, a provôcarem mais carestias, a impelirem manifestações populares, tudo para se chegar a demolir o partido nacionalista, se conseguir uma dictadura, se reproclamar o regimen abolido.

São revelações sem consistencia as do *Mundo*, transformado na sua prosa, na sua direcção, nos seus processos, por uma rajada viva de criterio, mas desta vez a não querer escutar um pouco a boa logica. A Causa Monarquica teve sempre mais soldados do que capitalistas, mais peitos do que notas de Banco, mais lé do que burras. Os homens do dinheiro, os que traficam em numerario, pôdem clamar o seu monarchismo, por bom tom, mas no fundo, fazem obra republicana ou antes de republicanos. O seu capital lucra mais com este regimen do que com o anterior. Antigamente, para se ganhar algum dinheiro levava-se muitos anos; agora bastam mezes. É verdade que não são legitimamente auferidas as quantias, «as fortunas vertiginosas» como as intitulou o senhor Antonio Maria da Silva—que atiram para a cadeira dum automovel, para a sala dum palacio, para as poltronas das Companhias poderosas os pelintras de hontem, os espertalhões, os aventureiros, dos que já tinham grandes negocios convinha-lhes aliar-se com os mandantes do regimen atravez dos quais obteriam as suas facilidades. Nos seus estabelecimentos ha mais empregados neutros ou republicanos do que monarchicos, os bravos de Monsanto e do Porto—repito-o—só encontraram desdens, por parte dos poderosos, que se dizem realistas mas que receiam muito comprometer-se acolhendo-os á beira dos seus interesses.

Como é que esses altos financeiros, esses grandes moageiros, esses plutocratas—pois são estes que teem o dinheiro—auxiliariam um golpe que não lhes convém? Para o aumento de suas riquezas—e o capital de negocio largo só dêseja reproduzir-se rapida e fortemente—a situação

republicana é a melhor. Para o capital honesto, o caso muda de figura. Estamos, porém, numa época utilitaria e de falta de escrúpulos. Ha ministros empregados de comerciantes, ha altas personagens a soldo de banqueiros, ha interesses ligados da plutocracia com os republicanos.

Basta extrair do Anuario Comercial—o que ainda farei—os nomes dos que se dizem realistas e dos seus consocios do regimen, e tudo isto—o interesse—surge, com a garantia, de não quererem ajudar uma restauração.

Contrariar o partido nacionalista?! Mas para quê, meu Deus? Se ele não passa do unico plagiato do meu confrade Julio Dantas.

O símbolo dos grandes negocios actuais está na empreza vinícola do senhor Marques de Sá, do Porto, na qual, desde Afonso Costa aos aspirantes da Aliandega, todos teem interesses proporcionais. Este iletrado fez uma sintese da moral do dinheiro. Ele fala como um carreteiro, diz ter visto o *principe* e a *principa*, ordena á serva que «*levante o... rabo e dê de beber ao senhor doutor*»; é conhecido pelo *botle*, mas tem como consocios as mais representativas figuras do regimen. Ha tambem monarchicos com acções na negociata? E' civil. Repito, ao capital de ganho febril, só convem as ideias á Marques de Sá, as da actual situação. Se a republica tentar um acto forte e serio contra a plutocracia, encontrará na sua frente os peitos dos seus mais celebres correligionarios.

A monarchia só tem topado para a auxiliar, sangue da mocidade e de crentes, que, no dia seguinte, se transforma em passaporte para as cadeias e em atestado para condemnações á fome. Oh! os grandes ricos monarchicos! Eles chegam a fugir dos seus correligionarios que se batem, teem modos pávidos, deliram, só á ideia de se comprometerem! Ser monarchico, para a maioria de tais plutocratas, é ser *chic*; nas vesperras das revoltas fogem, nos dias da vitoria sorriem aos vencedores; tornaram-se os aulicos de Sidonio e perderam-no—; quando a derrota chega repelem-nos.

Que o digam os soldados das revoluções monarchicas, que falem os jornalistas da Causa, os seus panfletarios e os seus dirigentes.

Por mim, defino-os assim, passo-lhes este atestado, vejo-os os como anfibios e, apenas sinto nessa fauna—onde um ou outro tem menos egoismo,—as suas libras, os seus dinheiros para uso só dos seus negocios e dos seus prazeres.

Restaurar a monarchia não é uma operação financeira; não recebem, pois, semelhante golpe.

De resto, um regimen reimplantado por eles, devia ter o concurso dos seus socios nas industrias—os republicanos—e só aproveitaria aos seus interesses.

Ha republicanos na conjura? Nesse caso, terá o *Mundo* razão... E' que eu sou dos monarchicos que nem relações teem na Alta Banca... Falo muito alto e o unico barulho que eles gostam de ouvir é o do ouro rolando para os seus cofres.

Trata-se, pois, da maior *blague* do *Mundo*.

O Méco Vermelho

As peregrinações a Méca e a Paris — A Kaaba e a rua Mac Mahon — Os dois profetas — Como se cumprem as vontades dos deuses — O futuro presidente vem de França ?

Quando os camelos começam a sentir as sombras das tamareiras, as arvores que vivem com os pés na agua e as cabeças no fogo, nessa Arabia embalsamada de mirrha e incenso, erguem os focinhos, humedecem-se-lhes os olhos e sobre as alimarias os peregrinos dão graças a Allah. Ao longe ainda, esfumaçada no dealbar, está Méca, a sagrada, rodeada dos campos vastos de Hedjaz com seus montes, que a aurora vem rosando quando as gomas preciosas, escorrendo dos troncos, como o sangue divino, perfumam o ar. Então o viajante apeia e dá graças a Deus que o deixou chegar até esse santo lugar de romaria onde o profeta, o grande Mahomet, passou com a sua espada e com a sua doutrina. De todas as terras do Islam, do norte e do centro da Africa, da Asia e até da Europa, desembarcam as caravanas de crentes, os mouros com seus albornozes alvissimos, os tripolitanos de fachas vermelhas, turbanados os zanzibarescos, como os *mouhés* da India e das travessias, os turcos com seu *fez* classico e os de Angorá com a cobertura negra posta em moda por Mustáphá-Kemal. Não ha devoto que falte, que deixe de ir ali, uma vez pelo menos, na existencia, antes de alcançar o paraíso prometido, a lançar-se de rastos nos logares tradicionais, de alma em extasi e coração latejante.

Levam para a sombra do profeta as suas oferendas e, de face nas lages, estendidos, mudos, vultos brancos nos brancos lagedos, eles pedem que o seu rebanho não sofra das molestias, a vitoria sobre os Kabyllas contrarias e que o chefe da sua religião os inspire àcerca de quem deve subir ao trono, ganhar o sultanato, ostentar o poderio, cobrir-se na bandeira vermelha estrelada de oiro, e na qual o crescente se recurva triunfal para os olhos de todos os fieis, em forma de foíce para a seara, de alfange para as guelas adversarias.

Quando se sai da *Kaaba* as campinas extensas com suas florescencias de algodão, de douradas frutas, com suas arvores opulentas suando gomas cheirosas, veem passar os mussulmanos, ricos e pobres, amos e servos, guerreiros e mercadores, arrastando os pés nús nas poeiras santas ou pompeando em seus palanquins, mas levando todos eles — os da

grande grey islamita — uma calma, uma enternecida, uma suave luz em seus olhos pecadores. Parece que de seus labios escorre um favo dulcissimo a apaziguar os azedumes de suas vidas trabalhosas e que a bafo-rada cálida da Asia ardente, passando sobre os montes, já abrazados, traz aos seus corpos um refrigerio, como se fosse a mais pura brisa acalmando seus ardores, uma ablução em vez dum halito vulcanico, uma aragenzita tocada pelo odor de todas as rosas de Jericó e não a esquentada labareda da Arabia Petrea.

E' que os crentes voltam satisfeitos, felizes, venturosos, de bem com o seu Deus, tendo pago o seu tributo; até as pedras duras dos asperos caminhos surgem a seus olhos como brilhantes para a gloria de idolos. O seu proverbio nessa hora — o arabe tem proverbios para todas as situações da vida — é «que a vibora do deserto é linda vista pelos olhos duma doce amada».

Quando os peregrinos regressam, quando as Kabylas volvem aos seus lares, todos os que ficaram querem saber das vontades do Profeta, daquele que habita a Méca santa e cujos designios são indiscutíveis como rigidias paginas preceituosas do Alcorão.

Os politicos — aqueles visires manhosos de grandes barbas e olhos de braza — costumam servir-se dele para jamais largarem o poder, afeiçoarem ás suas vontades os sultões e assim governarem tranquilamente, nessa detenção do mundo tão amado dos que á politica se dedicam, seja na selva lybica ou na neblina britanica.

Que se cumpram os ditames de Mahomet, o senhor da grande mesquita, dominador do Islam, graça de Allah, sorriso da Lua, alma do Mundo! Que todos se curvem, e ai do imprudente capaz de duvidar, do relapso em obedecer, do hesitante em se prostrar.

Jamais entrará no Paraizo, onde tudo reluz e as odaliscas oferecem os seus beijos e as suas carnes celestiais ao mais mesquinho dos arabes morto em submissão, embora se fine da lepra, do mal secreto que roi os ossos ou da peste que sopra da Asia, trazida nos ventos, nas rajadas, conduzindo o castigo daquele que na sua *Kaaba* magnifica e poderosa em tudo manda, superintende, domina, embora esteja longe, na terra bemdita, onde o vão adorar milhões de peregrinos. Instalado na sua Méca, Mahomet decide da sorte dos sultões, é quem os destrona e os aclama, como exerce egual poder sobre o mais pequenino anho duma pastagem de crente.

*

* *

Portugal, onde ha muito sangue arabe, não possui a sua Méca, não envia peregrinações em massa a um lugar sagrado, porém, não fugindo ao destino, á fatalidade da raça, é dominado por um senhor que longe vive e cujas palavras são preceitos da lei. Não temos uma Méca, mas obedecemos a um ser que numa cidade linda, toda reluzente, soberba e radiosa, dá as suas sentenças irrevogaveis, dono das almas, das consciencias, dos haveres. E' o soberano Méco.

Não ha fiel — ou antes infiel — que deseje qualquer cousa e deixe de o procurar, levando na alma a sua melhor esperanza e no rosto o terror de ouvir as suas condemnações.

Como se sabe, não é sobre um camelo que se entra em Paris, nem pingam das arvores as gomas preciosas, embora outras de maior dôr

e menos aroma doutros corpos venham, tampouco o vento dos desertos traz perfumes ou labaredas por sobre as montanhas rosadas, porém a fé, a submissão, a miseria de crença que se usa ante o português que habita a *Kaaba* da Rua du Helder ou mesquita opulenta da Rua Mac Mahon, é igual à dos pobres arabes que marcham carregados de presentes a pedir a saúde da sua cabra ou conservação do seu imperador, gritando: Allah! Só Allah é grande e Mahomet é o seu profeta.

Para o português da romaria o nome é outro, embora a subserviência seja igual.

O Méco—o habitante da Méca—é o senhor Afonso Costa. É ele que, sem se incomodar a deitar os seus olhos sobre o país, escuta as supplicas dos pretendentes, os vê prostrados, submissos, arquejantes, sabendo que dos seus labios, por entre a barbaça satânica, vai jorrar a boa sorte ou a desventura. Nunca faltam os peregrinos; não vão em massa; pensam apenas nela.

Ha pouco ainda lhe foram pedir o lugar de ministro em Paris que o emir João Chagas se decidiu deixar;romeiros, ás duzias, supplicaram a benesse e o Profeta, aguardando talvez a hora em que um dos seus filhos esteja apto para o cargo, tornou-se esfingico, pronunciou-se como uma sibila.

«Que quereria ali um bom, um autentico republicano!»

Mais genuino que pessoa do seu sangue ou aderencia—filho, irmão ou cunhado—não ha, visto ele ser a incarnação material dessa coisa abstrata que se chama a republica.

Quando se vê numa repartição publica, o busto, pintadinho pelas moscas, duma mulher de barrete frigio, quando êle se destaca numa oleografia, com seu manto vermelho, num livro ou num rotulo, num masso de palitos ou num pendão, não passa do sofisma; a verdade está em Paris e chama-se Afonso Costa, como o profeta existe em Méca e usa o nome santo de Mahomet. Onde se veem covinhas nas faces do regimen—quer dizer do seu símbolo official—estão os lurunculos de Afonso Costa, no lugar do barrete frigio o cabelo de Costa, no amantado do seio, arredondado sob as quinas, veja-se o colete branco do chefe e naquele sorriso, classicamente equivoco, dos labios da effigie apenas se deve contemplar a orla do bigode e o começo da pera do grande Méco.

Se o simbolo valesse porque se iria pedir á sua materialisação logares nas repartições, emprestimos no estrangeiro, as penas a aplicar, o remedio para as finanças e para desemperrar as gavetas do erario, a panacea, o conselho as legações e a sua vontade, emfim?

E' que no Terreiro do Paço estão os lacaios do Senhor, os parias lambendo a poeira das ultimas pégadas do idolo, imitando-o nas barbas e nos oculos, ralé, infima e subordinada que entrega a sorte dum povo a um desdenhoso cavalheiro capaz de a jogar num Club ou entregá-la a alguma *cocote*, depois da embriaguês duma ceia lauta. Uma canalhocracia se arrasta e, todos ós dias, olhando para a fronteira, sente ser belo o ar que de lá vem porque na distancia vive o arbitro, o senhor, o dono, o Méco e por sobre os Pirineus passam os ventos que roçaram a sua face sagrada. Ainda ha dias o pseudo chefe do Govêrno declarava diante de mil pessoas que o amo estava satisfeito com êle!

Assim como influi nas contribuições que se lhe devem pagar tambem marca o seu voto decisivo para a chelia da estado e os peregrinos avançam até êle, esperando o seu beneplacito, decididos a carregar o seu frete.

Sultão do país será só quem o Profeta ordenar! O seu escolhido será o eleito, o seu dedo apontará quem deve ocupar o mais alto lugar do estado, a sua unha vincará qual o futuro feitor da sua herdade, o seu olho gazeo piscar-se-ha e o chefe da nação saírá desse signal, o presidente da república nascerá dessa indicação muito em uso nos amores suspeitos.

Se houvesse duvidas àcerca dessas romarias à *Kaaba* parisiense e das ordens do Méco vermelho para Portugal bastava este trecho da *Capital* para tirar as illusões a quem as mantivesse ainda.

«*De todos os apontados (para a presidencia da república) só um se pôde dizer que teria a possibilidade de reunir a maioria dos sufrágios parlamentares. E' o senhor Teixeira Gomes, e ainda assim porque o seu nome é vivamente apoiado pelo senhor Afonso Costa.*»

«*O senhor Magalhães Lima tem afinidades com o partido democratico, mas foi preterido pelo senhor Afonso Costa. Basta isso para se poder considerar condenado.*»

Toda a gente sabe que é assim. Reina nas Kabilas politicas um pavor enorme; voltam-se as cabeças para os lados da Méca que êle habita, preparam-se os camelos para a viagem, não ha pretendente que não enceire os seus melhores presentes — tomates e figos do Algarve, cacau de S. Tomé, goiabada brasileira — a mirra o incenso, as gomas dos senhores Gomes, (Manuel Teixeira) e do senhor Gomes (Antonio Luis) e tambem as do senhor Sá Cardoso.

O Méco — O Profeta — sorri-lhes, naturalmente espera contê-los, aspira o ar das boas palavras e preliba-as como o mel dos enxames sacros, mas, no fundo, — como todos os idolos e varios peixes — engole os iscos e devolve os anzois com os resultados — tendo a sua ideia segura, firme, assente, bem estudada em Méca, refletidamente meditada na *Kaaba*, enquanto os romeiros galgam os caminhos, lambuzados de pó e de ideal.

O templo em que habita é muito distante. O Senhor segue apenas a sua inspiração; desconhece tanto as ideias do povo, cujo sultão vai nomear, como as dos proprios arabes, porem, êle o quere, e o que quizer far-se-ha.

O chefe, o que hade realisar a sua vontade, ser o seu servo, já está escolhido, não o impedindo, todavia, essa determinação de aceitar as oferendas que lhe levarem.

Quem será? perguntará apenas meia duzia de curiosos.

Ora essa! Quem o Senhor dos nossos Destinos ordenar e teremos que aceitá-lo de rostos na lama e mãos no coração, voltados para as bandas da mesquita onde assiste o arbitro, o profeta, o Méco.

De resto o país importa-se tanto com quem vai exercer a sua presidencia como com a faixa pudica de Cleopatra. Êle já sabe que o futuro Presidente da Republica não passará de um fantoche tão movido pelos cordeis de Paris como os Muley Molucos, marroquinos, o são atravez dos titereiros franceses.

Desta vez, a republica manda vir de França a sua cria, na tradicional cestinha de verga, que é uma miniatura do cesto da guilhotina.

O miôlo dos meus bonecos

II

OS CIDADÃOS

Meus senhores! O regimen não lhes poude dar o pão a dez réis nem o fiel amigo a pataco mas, em compensação, fez de todos cidadãos livres!

Oh! Já vai longe o tempo em que nas desvairadas oligarquias se roubava a cada ser a vontade de agir e que ao pescoço dos trabalhadores se lançava a goliilha infamante. Oh! cidadãos! que horriveis épocas aquelas! Sabem o que é a goliilha?! Eu lhes explico. Era um aro de ferro que se enrolava ao pescoço dos servos, dos humildes, ou se colocava nas suas cabeças, nos seus pulsos, nos seus braços e no qual se lia o nome do senhor, do dono, de quem o sustentava! Pertencço a Sci-pião, a Cesar, a Helio, a Euripides, a um guerreiro, a um imperador, a um financeiro, a um advogado...! Oh!... Mais vale comer caro o bacalhau, roer duramente o pão mas não arvorar o nome do dono nas goliilhas, nos braços, nos pulsos, nas cabeças...!

Ah! — meus amigos — semelhantes nomes gravados sobre um homem constituem a abdicação do seu ser, do seu sentir, do seu pensar, aquelas letras, marcadas num ferro que se trazia como um pezadelo, embora mesmo na veste, roubavam a cada um o direito de erguer a cabeça! Hoje, libertos, ganha a egualdade, graças as conquistas da grande revolução franceza, qual de vós oh! cidadãos! oh! republicanos desta ideal republica! feita de liberdade e de bondade, de fraternidade e de carinho, consentiria em trazer ao pescoço, nos braços, na cabeça o nome do senhor, do dono, do dominador?! Oh! nenhum, porque uma grande consciencia já vive, já palpita, já se agita em todos vós, cidadãos livres, de uma nação livre, na humanidade livre! Os escravos acabaram, já não aparecem gravados nos peitos, como com ferretes, nos braços nem nas testas, os nomes daqueles a quem deveis obediencia,; esse signal de posse sumiu-se, perdeu-se, esbateu se nos refolhos da nossa liberdade, é hoje apenas uma reminiscencia das épocas barbaras em que o senhor alimen-

tava o servo, o cuidava, o tratava nos seus lares como a animais de cuja vida dispunha e desejava bem alimentados para a faina! Hoje — oh! cidadãos! ha a liberdade de cada um comer por sua mão e, para sempre, se baniu, em nome do respeito humano, essa infamante — repito — essa infamantissima designação, esse vilissimo sinal de que um homem, um ser de raciocinio, pertence a outro!

O conferente acabara a sua peroração, soavam palmas, applaudiam-no freneticamente e três dos ouvintes mais activos nas manifestações gritavam, radiantes, felizes, no auge da ventura:

— Somos cidadãos! Somos cidadãos!

No bonet de um, na sua gola, no seu braço scintilavam letras ressaíam palavras bem destacadas: Grandela & C.^a. No gorro do outro, no seu pescoço e na manga uns disticos anunciavam: Banco do Minho; e na chapa luzente que o terceiro trazia ao peito, marcavam-se fortemente gravados os nomes de Ventura & Filhos.

De mãos erguidas, berravam, contorciam-se, lançavam o seu brado feliz:

— Somos cidadãos! Somos cidadãos!

ROBERTO

SUMÁRIO DO PROXIMO NUMERO

O Congresso Democratico julgado por si proprio — A Casa de Cadaval e a venda do Passo do Senhor Jesus — D. Cesar Maximo ou as ambições dum republicano — Como o dr. Bernardino Machado define os correligionarios — Lloyd George e a queda do capitalismo — O miôlo dos meus bonecos - III O embaixador.

